

# Ponto de vista

Em ensaio sobre sua formação como escritor, Cristovão Tezza tenta delinear a natureza da prosa de ficção, que estaria antes no narrador do que naquilo que se narra

**L**ivro que amalhou os prêmios Jabuti e Portugal Telecom, entre outros, *O Filho Eterno*, publicado em 2007, tinha como tema a relação de um pai com o filho que tem síndrome de Down. O autor, o catarinense Cristovão Tezza, 60 anos, tem de fato um filho com Down. Quase todos os episódios do livro são decalcados de sua biografia. No entanto, Tezza classificou a obra como um romance, uma peça de ficção. Em *O Espírito da Prosa* (Record; 224 páginas; 34,90 reais), que chega agora às livrarias, novamente temos um vasto recorrido biográfico. Para reconstituir sua formação como escritor (o subtítulo do livro é “uma autobiografia literária”), Tezza relembra a infância em Lages e, depois da morte do pai, em Curitiba, conta de seu primeiro emprego, como datilógrafo, e fala de seus anos libertários em uma comunidade meio riponga de atores de teatro em Antonina, no litoral do Paraná. Mas não, diz o autor, este já não é um romance, mas um ensaio. Em que ele difere de *O Filho Eterno*, se afinal a matéria-prima factual é a mesma — a vida de Cristovão Tezza? Eis aí o corolário da reflexão do autor sobre literatura: um escritor cria um romance não quando narra uma história ou retrata um personagem, mas quando cria um ponto de vista. “O nascimento da literatura é o nascimento de um narrador”, diz Tezza. Entenda-se: um narrador cuja voz não esteja colada ao autor, como acontece em *O Espírito da Prosa*, mas, ao contrário, se destaque dele, como faz a terceira pessoa que relata os eventos de *O Filho Eterno*.

Vai aí em cima uma boa dose de simplificação sobre o argumento do livro, que, desenvolvido com vagar e sutileza, se ampara na obra do crítico russo Mikhail Bakhtin (1895-1975), tema da tese de doutorado que Tezza defendeu na USP. O espírito da prosa referido no título define-se, no esquema de Bakhtin, em oposição à poesia, cuja linguagem é

mais depurada, pessoal, do que a pluralidade de vozes e registros que se encontram em romances e contos. Percebe-se, pelo arcabouço teórico, que este será um livro de interesse mais restrito do que os romances de Tezza. Embora não se encontre aqui o jargão incolor que tantas vezes atravança ensaios e teses de letras, *O Espírito da Prosa* é um trabalho que talvez seja mais bem apreciado por quem tem alguma corrida na área da teoria literária. E, apesar do tom desassombrado, elegante e sereno do ensaísta, há aqui matéria com potencial para inflamar algumas igrejinhas acadêmicas — por exemplo, a defesa que Tezza faz da prosa realista em oposição aos truques metaficcionalistas do pós-modernismo, ou uma digressão breve mas acurada sobre as vozes “domesticadas” na narrativa poética de Guimarães Rosa.

O prazer deste livro, porém, não está somente na especulação teórica. Tezza, o ensaísta, é ainda um grande narrador:



## ILUSÕES GERACIONAIS

*Cristovão Tezza: vida riponga em uma comunidade de atores nos anos 70*

são muito saborosas, por exemplo, as reminiscências do tempo em que viveu em uma comunidade “alternativa”, com todas as ilusões utópicas próprias dos anos 60 e 70 (ilusões que, diz o autor, o salvaram de se engajar na miragem mais nefasta do radicalismo comunista, popular naqueles anos de ditadura). Para se construir como escritor, Tezza teve de, aos poucos, desmontar as fantasias mais caras à sua geração. Uma luta árdua para, afinal, abandonar clichês coletivos e encontrar seu próprio, intransferível ponto de vista. ■

JERÔNIMO TEIXEIRA